

AQUILOMBAMENTOS ARTÍSTICOS CONTEMPORÂNEOS: RETERRITORIZAÇÕES SIMBÓLICAS NA FOTOGRAFIA NEGRA BRASILEIRA

CONTEMPORARY ARTISTIC AQUILOMBAMENTOS: SYMBOLIC RETERRITORIZATIONS IN BLACK BRAZILIAN PHOTOGRAPHY

Daniel Meirinho*

RESUMO:

Este artigo busca investigar como o coletivo de fotógrafos negros Afrotometria utiliza de práticas ancestrais e tecnologias sociais de quilombamento enquanto tática de contestação estética do regime de representação antirracista. O objetivo é traçar um panorama sobre as dimensões estratégicas em um regime de visibilidade, representação e modos de presença. Tece reflexões sobre as relações estabelecidas entre as ações autênticas de organização e resistência negra brasileira quilombista com as formas de coletividade artística em torno da presença afro-diaspórica na arte. A partir de entrevistas, analisa a possibilidade de novos lugares de enunciação na fotografia negra contemporânea brasileira.

PALAVRAS-CHAVE:

Fotografia, quilombamento, fotógrafos negros contemporâneos.

ABSTRACT:

This paper investigates how the collective of Black photographers Afrotometria uses ancestral practices and social technologies of quilombamento as a tactic of aesthetic contestation of the anti-racist representation regime. It outlines an overview of the strategic dimensions in a regime of visibility, representation, and modes of presence. It reflects on the relations established between authentic Black Brazilian quilombo-based organization and resistance with the forms of artistic collectivity in the Afro-diasporic artistic presence. By means of interviews, this essay analyzes the possibility of new places of enunciation in contemporary Black Brazilian photography.

* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL, Portugal), Professor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN) e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail:danielmeirinho@hotmail.com

KEYWORDS:

Photography, aquilombamento, contemporary Black photographers.

INTRODUÇÃO

Em 2018, em meio dos diversos debates ocorridos no Fórum Social Mundial, na Bahia, uma mesa em torno das estratégias de corporeidade afro, indígena, diaspórica e transatlântica organizada por coletivos de artistas negros periféricos em atuação no país, tomou a atenção de quem acompanhava as discussões na tenda da Central Única dos Trabalhadores (CUT). O coletivo AfroBapho, formado por jovens negros LGBTQIA+ da periferia de Salvador, iniciou uma conversa que verbalizava as estratégias necropolíticas de genocídio da juventude negra no país (MBEMBE, 2014). Os argumentos do coletivo no evento para a necrogovernamentalidade desencadeava uma série de ações e movimentações que artistas negros contemporâneos tem ecoado em oposição às marcas desta violência e brutalidade em corpos plurais negros e insurgentes. Suas presenças e performatividades têm refutado imaginários imposto pelas imagens de controle de pessoas marginalizadas racialmente a partir de tradicionais estereótipos de objetificação destes corpos (ALMEIDA, 2019; COLLINS, 2002; CONDURU, 2007; SILVA, 2019).

A convocação de suas representatividades autorizadas, que articula experimentação de narrativas em disputas e encruzilhadas, atestam a potência dos seus corpos em suas ações, nas mais variadas dimensões políticas da arte. Um movimento, muitas vezes autobiográfico, de descontinuidade de olhares normativos, como contraplano a um exercício de cura do trauma colonial (MBEMBE, 2014; RIBEIRO, 2020).

Contranarrativas coletivas que nos confrontam com questões da racialização de corpos e de governança de suas *pretitudes*¹ tensionadas partir de diversas articulações artísticas contemporâneas que articulam linguagens narrativas como a fotografia, o vídeo, a performance, a música, as artes visuais, em seus múltiplos desdobramentos e reverberações imagéticas. A “bicha preta periférica afeminada”, como os integrantes do AfroBapho se autoafirmavam é uma estratégia de subversão e enfrentamento que interseccionam raça e sexualidade na busca inverter uma oposição binária do estereótipo cis-heteronormativo patriarcal brasileiro. A construção de uma “políticas de inimidade” justificada pela raça seria o elemento fomentador destas e de outras ações coletivistas de continuidade a um modelo simbólico de organização autêntica e de profusão de saberes do povo negro

em terras brasileiras, que assemelhamos ao aquilombamento (NASCIMENTO, 2006) ou a marronagem (BONA, 2019) enquanto tecnologia ancestral de resistência e fuga criativa para a existência, que será articulada de forma mais detalhada ao longo do texto.

A forma de contestar o regime racializado de representação a partir da quilombagem (MOURA, 2001) de artistas negros se dá a partir um debate em torno da presença física e simbólica, agora numa perspectiva interseccional (CRENSHAW, 1989; GONZALEZ, 1988). A proposta antirracista de transformar imagens negativas em imagens positivas a partir de lugares de fala e enunciação na representação segue a ideia de transcodificação proposta por Stuart Hall (1997), de tomar um significado existente e se reapropriar dele para criar significados, bem como de contestação das imagens de controle, propostas por Patricia Hill Collins (2002). A inversão de estereótipos dentro dos próprios estereótipos busca no sistema de organização coletiva desafiar as leituras do fetichismo racial ambivalentes no jogo interseccional de representações que envolvem raça, gênero, idade, sexualidade e geolocalização.

Aquela mesa representava uma ação performática de presença coletiva que questionava a necessidade de um deslocamento estético antirracista que desafia o regime visual de estereótipos negativos tradicionais associados à juventude negra e artística brasileira. O debate que o coletivo AfroBapho proporcionou em 2018 no Fórum Social Mundial espelha uma movimentação de organização e presença negra que a cerca de cinco anos tem buscado, de forma mais rizomática, redefinir os territórios de segregação a partir de uma valorização da estética por parte de artistas negros periféricos como um ato político coletivo. Imerso neste cenário periférico de reconfiguração representacional, diversos(as) artistas negros(as) criaram coletivos como forma de organização estratégica de ocupação de lugares físicos e simbólicos no circuito da arte brasileira. A presença de pessoas negras nestes espaços simbólicos amplia no país “a percepção da importância de inserir narrativas e experiências comuns à população negra” (BRAZ; RIBEIRO, 2020, p. 14). Este agrupamento vem fortalecer a abordagem deste texto fundamentada de forma teórico-conceitual na ideia de aquilombar-se, proposta pela historiadora Beatriz Nascimento (2006) a partir do acolhimento das diferenças, singularidades e pensamentos.

Como o AfroBapho, inúmeros outros coletivos² de artistas visuais negros têm surgido nos últimos anos com o enfoque de linguagens, gênero, sexualidade e localidade. Destes, o coletivo de jovens fotógrafos negros contemporâneos Afrotometria³ é o enfoque analítico e contextual deste trabalho e nos serve como referência de aquilombamento artístico

afro-diaspórico no campo da visualidade. A análise deste artigo se fundamenta nas teorias do *quilombismo* (NASCIMENTO, 1980), *quilombagem* (MOURA, 1992; 2001) e *aquilombamento* (NASCIMENTO, 2006) demarcam as tentativas de desafiar imaginários visuais a partir de um conjunto de experiências sistemáticas de corporeidade ancestral, histórica e cultural. Com o objetivo de perceber como as subjetividades afrodiaspóricas contemporâneas utilizam estratégias autênticas de organização e sobrevivência identitária e cultural a partir de práticas coletivas anticoloniais, nos centramos na questão: quais deslocamentos de significados do regime racializado de representação podem ser contestados a partir da redefinição dos territórios simbólicos na experiência coletiva de organização?

As análises propostas neste trabalho não se limitam ou se aprofundam nas imagens em si, em sua construção, suporte, materialidade, trânsito, com outras linguagens, bem como seus aspectos técnicos, formais e discursivos. Deslocamos, assim, a imagem da questão dos seus significados e representações de algo para compreendermos ela inserida em um problema de representação no campo da arte inscrito em modos de presença expressivos em um regime de visibilidade que lhe confere legibilidade e legitimidade. O percurso metodológico se fundamenta em entrevistas semiestruturadas realizadas em janeiro de 2021 com as lideranças do coletivo Afrotometria.

UMA SACUDIDA ESTÉTICA REPRESENTACIONAL

A desconstrução de mitos e estereótipos com a inclusão de novas significações e potências narrativas e discursivas nas representações fotográficas do coletivo Afrotometria desloca o sistema de organização coletiva, bem como os olhares e perspectivas sobre a participação e representação antirracista de artistas negros no cenário artístico, documental e midiático brasileiro. Quando os fotógrafos negros contemporâneos questionam a lógica convencional da representação a partir das suas imagens e lugares de enunciação, passam a ampliar a compreensão em torno das complexidades da cultura afro-brasileira, reiterando suas ancestralidades, memórias e lutas na redefinição dos imaginários e narrativas imagéticas, até hoje reiteradas (hooks, 2019).

O artista visual ou fotógrafo que se identifica como negro indica seu lugar de fala nas suas imagens e traduz politicamente a urgência de um debate racial no seu tempo e na sua história. É uma tentativa de inscrever seu corpo em um novo ordenamento e reestruturação de narrativas invisibilizadas e silenciadas. A fotografia em sua crise identitária de reconhecimento entre arte e documento, deixa de lado o debate acerca da ausência

de fotógrafos negros reconhecidos no contexto brasileiro. Os fotógrafos, a academia e os festivais de fotografia atrasaram muito a discussão sobre autorepresentação. As estratégias de resistência que reiteram e transformam os imaginários sobre a representação do corpo negro sempre existiram, mas nunca tiveram visibilidade. A vivência negra brasileira sempre foi apresentada, na maioria das vezes, pelo olhar branco (MEIRINHO, 2020). Ainda estranhamos e não temos como corriqueiro uma produção fotográfica e artística a partir desta pluralidade, em que corpos negros e indígenas coloquem suas problemáticas e especificidades em primeira pessoa. Esse é um momento de revisão e ajuste, e não temos mais desculpas para dizer que outros olhares não existem.

Os jovens fotógrafos do Afrotometria, como muitos outros organizados coletivamente, são parte integrante de um movimento histórico de relações estratégias de resistência identitária da cultura negra brasileira que vai ao encontro da ação de “aquilombar-se” proposto por Beatriz Nascimento. O conceito atualizado na perspectiva de Nascimento (2006) e Santos (2015) segue alguns propósitos e princípios do quilombismo (NASCIMENTO, 1980). Ao garantir ao povo trabalhador negro o seu lugar na hierarquia de decisão frente às lutas igualitárias com base na transformação das estruturas socioeconômicas e no processo radical, o movimento possibilita o desgaste do sistema racializado pela quilombagem (MOURA, 2001), assim, desestabilizando e invertendo, de forma crítica, a imagem cristalizada por narrativas visuais coloniais.

Quando contestamos ou questionamos os imaginários por séculos produzidos pelo regime de representação racializado (HALL, 1997) em novas formas de representatividade e discursividade contemporâneas, temos que considerar que o preconceito e os estereótipos atrelados ao corpo negro têm um pedágio a pagar (SILVA, 2019) por esse pertencimento. É no aquilombamento que o Afrotometria acolhe e compartilha conhecimentos se tornando uma ferramenta estratégica para furar bolhas e romper tais normatividades estéticas representacionais. Movimentos artísticos periféricos e coletivos, decorrentes dos ambientes de militância do movimento negro, dão vida a ações coletivistas como do Afrotometria, que expandem para a visualidade, a dança, a fotografia, a música, entre outras manifestações artísticas culturais, contribuindo para fortalecer a autoestima de jovens negros urbanos no Brasil.

A demanda destes corpos, cansados da invisibilidade e falta de representatividade, busca reterritorializar a própria experiência estética. A partir de cabelos crespos imponentes, tranças coloridas, estampas étnicas, maquiagens de cores vibrantes, são desconstruídos,

ou no mínimo questionados, os padrões de beleza eurocêntricos, o que mais se assemelha a uma lição de autoaceitação, inseparável da conscientização política da juventude negra. Essa lição articula uma poética artística vista desde as ocupações nas festas Batekoo, no Passinho no Rio de Janeiro, do Bregafunk no Recife, da Aparelhagem no Pará até nas exposições *Os da Minha Rua: Poéticas de R/existência de Artistas afro-brasileiros* (2018); *Agora Somos Todxs Negrxs?* (2017); *Negros Índicios* (2017); *PretaAtitude. Emergências, insurgências, afirmações: arte afro-brasileira contemporânea* (2018); *Abre-Caminhos* (2020), entre muitas outras.

Esse movimento estético de presença tem muito a dizer acerca do modo como o domínio da visualidade pode ser pensado através de uma diversidade que dialogue com outras éticas (SILVA, 2019), outros sistemas de valores morais e ideais formais, no que Tlostanova (2011) vem a chamar de “anti-sublime decolonial”. A arte é repensada no diálogo com outras éticas, outros sistemas de valores e outros ideais de beleza, liberando a percepção do sujeito a criar seus princípios estéticos, emanados de sua própria experiência.

Após séculos de colonização territorial, ética e estética, emerge nos subúrbios brasileiros ações coletivas que enfrentam o *status quo* da representação para além da restrita possibilidade de encaixe na modernidade ocidental eurocêntrica, normativa (QUIJANO, 2015). As práticas estéticas propostas pelo Afrotometria enquanto movimento organizado de fotógrafos negros podem ser lidas a partir de lentes anticoloniais que reconfiguram e reorientam a estrutura dialógica e de representação, reconhecendo corpos heterogêneos e pluriversais. Essa é uma espécie de sacudida estética visual contemporânea provocada pela atitude contínua de subverter e de se insurgir (WALSH, 2009) contra a normatividade e a violência da colonialidade interna. As transformações neste território simbólico são rasuras provocadas por modos distintos de viver o lugar que se habita, e no centro disso tudo opera uma hermenêutica do corpo aglutinado e acolhido no quilombo.

O ATO INSURGENTE DE CRIAÇÃO DO AFROTOMETRIA

Afrotometria é um coletivo de São Paulo formado por um grupo de fotógrafos negros que surgiu em meados de 2018 na busca por ocupar um espaço de representatividade no campo da fotografia e das artes visuais no Brasil. O grupo faz uma justaposição do

termo afro com a “fotometria” - medição da intensidade da luz - através do resgate de memórias, resistências e confrontamentos na fotografia contemporânea negra brasileira.

A confluência entre pensamentos e corpos surgiu na saída do bloco de maracatu *Ilú Inã*, no carnaval da capital paulista. Lá havia cerca de 20 fotógrafos registrando o evento, e todos eram negros. Como os próprios integrantes do coletivo afirmam, houve uma troca sincera que culminou na criação de um grupo de fotógrafos negros na rede social Facebook. Uma movimentação de presença da produção fotográfica negra nacional pretendia assim redefinir os territórios físicos e simbólicos de segregação, encorajando a ocupação dos espaços tradicionalmente institucionais da arte pelos integrantes de um grupo silenciado na história da fotografia brasileira. “O coletivo vem, nesse sentido, mostrando que nós, negros, temos o direito de estar em galerias, museus e institutos culturais como protagonistas e gerindo outros artistas negros” (DIAS, 2020, p. 33).

A discussão conveniente de que não existem fotógrafos negros no Brasil e que permanece nas lideranças dos espaços institucionais e simbólicos da arte e da comunicação, poderia agora ser severamente criticada pelas diversas ações de presença realizadas pelo coletivo. Sua atuação passa desde participação em eventos culturais e artísticos com exposições e falas, até um mapeamento e catalogação de fotógrafos negros contemporâneos que atuam em âmbito nacional. Atualmente, em sua plataforma virtual, o coletivo conta com uma rede de 49 fotógrafos. Sem mecanismos rígidos de entrada ou saída, algumas pessoas ao longo dos anos entraram e deixaram o grupo, enquanto outras contribuem esporadicamente. Neste momento, o coletivo é liderado pelos artistas Tiago Santana, Sérgio Fernandes e Isabela Alves.

Coletivos afrodiaspóricos como o Afrotometria atuam de forma ativista no país a partir da noção de restauração das lutas anticoloniais. Sua estrutura de organização guarda características que combinam as noções de fuga e governança que Fred Moten e Stefano Harney (2013) apresentam como *performance da pretitude* com a arte de uma fuga criativa apresentada por Dénètem Touam Bona (2019). Essa fuga, para os autores, não se trata necessariamente de uma condição territorial física, sendo ela subjetiva. O conhecimento fugidio informa que a fuga se faz a todo momento como estratégia de vida e de existência dos sujeitos de se expor sem ser exposto (SILVA, 2019). Neste sentido, a fuga ativista do coletivo Afrotometria pode ser compreendida como uma ação insurgente de aquilombamento artístico e de vida, na qual a espacialidade se estende para a criação de novos “espaços nostálgicos” (SODRÉ, 2017, p. 91-92) de acolhimento.

O AQUILOMBAMENTO ARTÍSTICO VISUAL

O termo “aquilombar-se” vem a cada dia tornando-se mais popular movimentos de resistência ativista da cultura negra brasileira. Para esses grupos, o quilombo parte de uma importante prática ancestral coletiva que possibilitou a sobrevivência da identidade e culturas negras. Beatriz Nascimento (2006) expande a tática de “estar junto” para ampliar saberes, identidades e narrativas não apenas em uma concepção localizada no passado, mas nos territórios contemporâneos de resistências. São continuidades culturais no sentido de reconhecimento de uma luta coletiva e da preservação dos símbolos culturais da população negra brasileira.

O debate teórico-conceitual segue pelo entendimento do *quilombismo* de Abdias de Nascimento (1980) e a constituição do Estado Nacional Quilombola antirracista, livre, justo e soberano; passando pelo entendimento de *quilombagem* a partir da rebeldia nas formas de organização que se contrapõem ao modelos normativos de poder colonialista apresentado por Clóvis Moura (1992; 2001), que subrepresenta o sujeito negro; seguindo a noção de continuidade do movimento de *aquilombar-se* como um jeito de ser no mundo, proposto por Beatriz Nascimento (2006). Enquanto Clóvis Moura (1992; 2001) e Abdias Nascimento (1980) deram o devido valor e visibilidade à importância histórica do movimento, Beatriz mostra como precisamos compreender o quilombo no presente, e como esse “fenômeno se perpetua até hoje em todos os sistemas sociais alternativos fundados por negros e negras e seus legados, como as escolas de samba, os terreiros de candomblé e as favelas” (SOUTO, 2020, p. 141). Tanto comunidades periféricas e a ocupação dos morros nos espaços urbanos como as comunidades rurais contemporâneas remanescentes dos quilombos (SANTOS, 2015), são os maiores símbolos de aquilombamento do povo negro desde o fim da escravidão.

A única forma possível de trabalho é a coletiva, ainda mais quando se fala de fotografia. Esse movimento chega com força, respaldo e responsabilidade, pois ali estão os valores de cada pessoa envolvida no processo de produção visual (informação verbal, AFROTOMETRIA, 2021).

O coletivo percebe que este é um importante momento de afirmação estética, com implicações complexas a respeito das identidades em vias de valorização e ocupação dos espaços públicos a partir de ações que convergem arte e ativismo. Atuam em parceria com outros grupos, coletivos e ativistas que possuem atividades e projetos na mesma direção de suas propostas. Esses encontros ajudam no compartilhamento de saberes e desenvolvimento de afetos além de uma posição geográfica ou dimensão cartográfica,

enquanto espaço simbólico comum de afirmação de pluralidades e diferenças em composição (NASCIMENTO, 2006).

Quando começamos a expandir nossos horizontes, através de contato com outras visões e vivências, fortalecemos o que já sabemos e aprendemos um pouco mais, pois sempre há uma troca, um ciclo que nunca se perde (informação verbal, AFROTOMETRIA, 2021).

Como Braz e Ribeiro (2020) declaram, o recorte racial não é o único interesse desses coletivos, muito menos o que os limita ou essencializa, mas o que os congrega e problematiza em torno dos arranjos e permissões dadas de acesso ao mundo das artes. A transposição do conceito de quilombamento para a prática do coletivo Afrotometria estabelece uma continuidade de luta e agitação emancipatória contra opressão racial, não no intuito de isolar-se, mas busca de espaços de segurança *fugitiva* (MOTEN; HARNEY, 2013) como forma de manterem uma *reserva de vida* (MBEMBE, 2014) e de escape de um mundo que os persegue pelos seus modos específicos de ser e estar. A desterritorialização e a ruptura são compreendidas na experiência afro-diaspórica como os lugares de criação de estéticas decoloniais e de resistência coletiva de grupos subalternizados (NASCIMENTO, 1980). O quilombismo inspira estas estratégias a partir deste movimento de articulação em que o Afrotometria se configura como núcleo de resistência: o quilombo.

Aquilombamento sempre foi uma realidade para pessoas pretas em qualquer espaço/tempo. Pode não ter esse nome em alguns momentos, mas, a prática de se construir juntos, é o que garante a nossa memória, nosso futuro e garante nosso presente. Pois através da prática de quilombamento, que não se resume apenas a pessoas pretas juntas, mas sim ações pretas coletivas, é que damos continuidade ao que foi plantado pelos nossos ancestrais (informação verbal, AFROTOMETRIA, 2021).

É compreensível que a dinâmica de “aquilombar-se” configure em reterritorializações simbólicas, caracterizadas pelos fotógrafos negros, e de forma genuína e contemporânea de acolhimento e reconhecimento de corpos negros (BATISTA, 2019). Estes corpos racializados plurais esperam destes espaços um lugar de agregação, nos quais seus integrantes se sentem seguros e se reconhecem enquanto assentamentos contemporâneos negros e de outros sujeitos étnicos e subalternos. Ao olharem para o passado de forma a ter orgulho do que representa a luta quilombola, interconectam a África e o quilombo como “terras-mãe imaginadas” (RATTS, 2006, p. 59).

Se “em cada coração de negro há um quilombo pulsando; em cada barraco, outro Palmares crepita”, como anuncia Nascimento em seu poema “Padê de Exu libertador” (1980), aquilombar-se pode ser entendido como um movimento de tornar-se quilombo. O contato com a exterioridade é um traço cultural e político de sobrevivência, em que todos os dias pessoas negras saem das favelas e vão ocupar o centro (bairros ricos) e voltam para às margens (periferias) do sistema como espaços de abrigo e proteção antirracista, mesmo com todas as problemáticas sociais lá associadas encontradas.

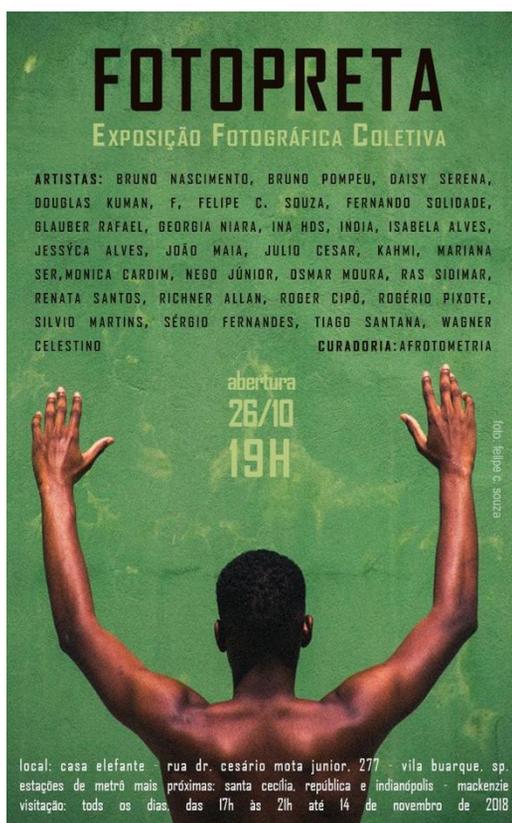
AÇÕES E OLHARES BÉLICOS LANÇADOS AO CORPO NEGRO

Como forma de partilhar as produções fotográficas feitas por pessoas negras no Brasil, o Afrotometria organizou em 2018 a exposição fotográfica coletiva *FotoPreta* (Figura 1), que aconteceu no mês de outubro na Casa Elefante, em São Paulo⁴. Segundo o coletivo, esta foi a primeira mostra formada integralmente por fotógrafos negros no país, e, desde a curadoria à participação, contou com 29 fotógrafos de diferentes gerações. A partir de horizontes de sentido que redefinem esteticamente imaginários sociais, violências e territórios de segregação (SODRÉ, 2018), o coletivo proporcionava com esse espaço de difusão outras narrativas visuais redefinindo assim alguns eixos normativos em torno da beleza e da memória, não evitando o regime a representação racializado, mas o contestando (HALL, 1997).

Desde a fundação desse projeto de país, a fotografia (imagem) de pessoas pretas, são sempre expostas em situações de violência, deboche, subalternidade, então várias décadas dessas imagens fazem parte do imaginário do brasileiro. Acreditamos que estamos apenas no começo do começo (informação verbal, AFROTOMETRIA, 2021).

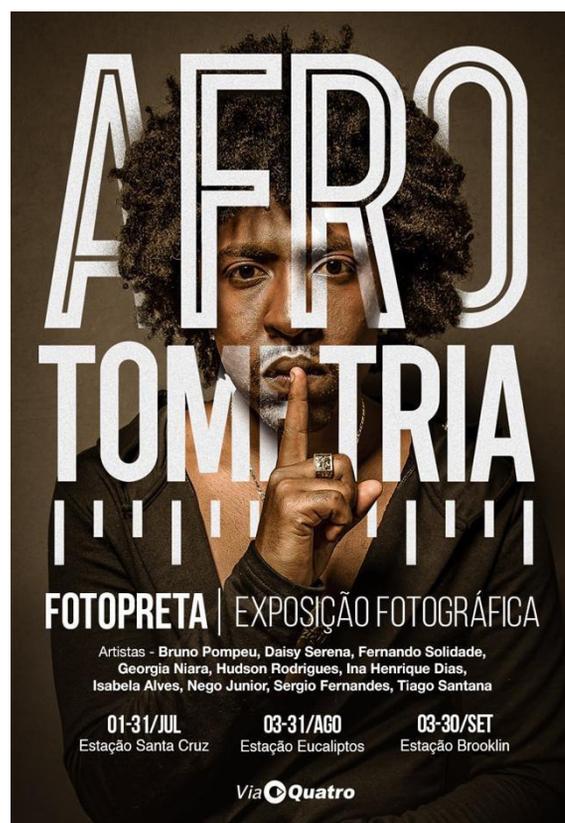
As imagens dos artistas independentes que expuseram seus trabalhos buscavam questionar discursos, formas ideais, modos de vida e visões de mundo a partir de novas formas de representatividade, demarcando vivências existentes destes fotógrafos nas fronteiras (MIGNOLO, 2015). Em 2019, o coletivo deu continuidade ao projeto de difusão, realizando a exposição *Afrotometria - Una mirada fotográfica afrobrasileña*, no Centro de Estudos Brasileños (CEB) da Universidade de Salamanca, na Espanha.

Figura 1: Cartaz da primeira edição da exposição Fotopreta (2018).



Fonte: Felipe Cardoso (@getup.f)

Figura 2: Cartaz da segunda edição da exposição Fotopreta (2020). *Silêncio*.



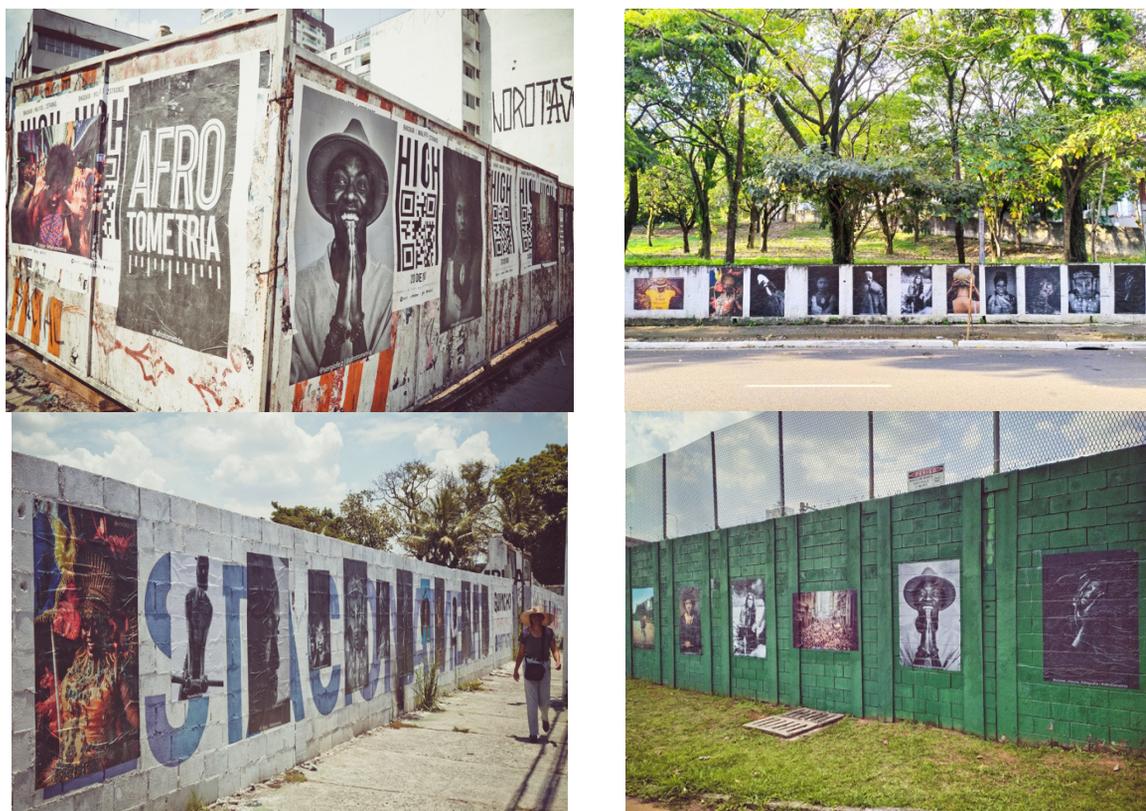
Fonte: Sergio Fernandes (@sergiofe.z)

Em sua segunda edição, o projeto *Fotopreta* (Figura 2) foi realizado em 2020 nos espaços de circulação das estações do metrô de São Paulo, se expandindo também para os espaços públicos da capital paulistana em uma proposta de ocupação urbana das imagens se relacionarem com a cidade⁵. Nos últimos anos diversos coletivos, citados anteriormente neste texto, têm buscado “ocupar” o espaço público das ruas, estabelecendo uma conexão direta com as pessoas que ali habitam e lhe dão vida como moradores de rua, ambulantes e transeuntes (Figura 3). Assim, são criados espelhos coletivos com os quais a população que transita pelos centros urbanos, de maioria negra, possa se identificar. São tentativas pelas quais uma pessoa negra se reconheça, olhe para qualquer lado e seja capaz de se ver e reconhecer no âmbito do território da urbe. “Para nós todo espaço é um espaço político e, sendo assim, o nosso intuito é ocupar todos os espaços com uma fotografia vista a partir de um prisma da negritude” (DIAS, 2020, p. 31).

A busca pelo espaço de visibilidade para fotógrafos e pessoas negras é a prova de que o ativismo artístico que expõe a representação do corpo racializado pode ser realizado em meio à participação popular. O projeto de ocupação expositiva de imagens nos espaços

urbanos reconfigura a ilusão de uma sociedade que necessita problematizar as imagens de controle sexuais, laborais, animais, de domesticação servil (COLLINS, 2002) em um alargamento dos debates raciais e sociais.

Figura 3: Intervenção visual do projeto *Fotopreta* pelas ruas de São Paulo



Fonte: Site do coletivo Afrotometria.

Ao transformar as ruas em espaços expositivos, o Afrotometria amplia a contemplação do sujeito negro, racializado, mas ao mesmo tempo o aproxima (SODRÉ, 2018) de um ser aceito e passível de amor. Em um movimento narcisístico inverso - tão abordado na história da fotografia por Rosalind Krauss, Susan Sontag, Roland Barthes, Margarida Medeiros, Boris Kossoy, Luana Navarro, entre outros (RIBEIRO, 2020) - as imagens propõem simbolicamente uma liberação do encantamento que condenou e impede a branquitude de se reconhecer de forma afetiva além do seu próprio reflexo (SOVIK, 2009). As fotografias das figuras 4, 5 e 6 são algumas das usadas pelos membros do coletivo Afrotometria para intervenções visuais nas ruas de São Paulo.

Figura 4: Existências Pretas



Fonte: Hudson Rodrigues (@hudrodrigues).

Figura 5: *Espelho Preto*

Fonte: Tiago Santana (@_tiggaz).

Figura 6: Carnaval 2020



Fonte: Bruno Pompeu (@pompeu94).

Nas figuras 4, 5 e 6, vamos retratos de pessoas negras com um enfoque nos cabelos (Figura 4), nos adereços, maquiagens e vestimentas que vinculam esses indivíduos a uma cultura negra diante de fundos ausentes que inscrevem olhares que enfrentam frontalmente a câmera dos fotógrafos negros, em uma tentativa de reconduzir o desequilíbrio das presenças e dos pertencimentos, tanto de quem representa - os fotógrafos inscritos - como de quem esteve representado. Observamos não uma vitimização dos personagens ou uma forma de representação de denúncia, mas um orgulho de suas presenças dignas de controle e consciência de si e dos seus significados.

As fotografias dos jovens que se integram ao Afrotometria buscam demolir uma arquitetura simbólica e discursiva de narrativas acerca da inferioridade moral da imagem de sujeitos negros inseridos no regime brasileiro de representação racializado (HALL, 1997). Tanto essas como outras fotografias aqui apresentadas oferecem novas articulações estéticas da negritude, diferentes das imagens produzidas pelos olhares tradicionais colonizadores da fotografia. Estes sempre enquadraram de forma generalizada e deturpada a vida e a existência de pessoas negras para o simples devir de “manutenção dos padrões da branquitude” (SEALY, 2019, p. 195).

Em novembro de 2020, em celebração ao mês da Consciência Negra, o Afrotometria inaugurava mais uma edição do projeto com a exposição *FotoPreta Norte/Nordeste* (Figura 7). A mostra contou com o recorte de 12 fotógrafos e três curadores negros das regiões Norte e Nordeste do país, com equidade de gênero. Trata-se de uma dimensão afetiva-diaspórica e perspectiva ética que incorporou uma diversidade de vivências existentes

nas fronteiras interseccionais (CRENSHAW, 1989) de raça, gênero, classe, orientação sexual, posição geográfica, permitindo ao projeto um encontro em rede transnacional. Falar da margem ao centro possibilitou um espaço reflexão profundamente produtivo e desafiador para o coletivo, pois grande parte da produção artística e cultural no país está centrada na região Sudeste. Deslocar e aproximar esta “margem” (hooks, 2019) para o centro proporcionou aos integrantes do Afrotometria uma reflexão interseccional, especialmente geográfica por se tratar de um coletivo com base em São Paulo. Alguns exotismos relacionados aos símbolos religiosos e culturais, latentes nas diferentes formas de exercer e experienciar a negritude nas diversas partes do país, enriqueceram o debate em torno da pluralidade das pautas raciais, de gênero e geolocalizadas num país em que não existe uma experiência única de ser e de se sentir negro.

Figura 7: cartaz da exposição Fotopreta Norte/Nordeste



Foto: *Inspiração dos Céus* Ismael Silva (@ismaelsilva)

Fonte: Site do coletivo Afrotometria.

Tem sido um processo de questionamento interno do coletivo a amplitude do pertencimento racial, além das características fenotípicas, de cor de pele e regionais que marcam historicamente experiências distintas do não lugar de mestiçagem afro-indígena ou parda. A tentativa de uma identidade nacional afro-brasileira modernista é questionada pelos integrantes do Afrotometria a partir da chave da branquitude e suas políticas de apagamento do sujeito negro. Em um país como o Brasil, todas as pessoas racialmente

marcadas sofrem situações de violência e discriminação racial. As figuras 8, 9 e 10 foram algumas das 19 fotografias expostas na exposição *FotoPreta Norte/Nordeste*.

As imagens que compõem a exposição *FotoPreta Norte/Nordeste* (2020), em sua maioria, são produções estéticas de corpos posados, retratos fotográficos e autorretratos que evocam expressões estéticas que evocam a beleza negra como poderosa marca da negritude brasileira, extremamente exotizada e estereotipada pela fotografia documental e etnográfica produzida no país. As formas de inscrição do corpo físico, mais do que uma representação, sugere uma discussão no campo simbólico que busca contestar e subverter esteticamente todo um ataque colonial que se sempre se deu ao corpo negro a partir de uma régua moral e normativa que por muito tempo esteve no inconsciente da branquitude como uma “maldição corpórea” (FANON, 1967, p. 122).

As fotografias nos transportam para um novo espaço estético de produção simbólica de afirmação de uma beleza negra africana “inferiorizada e subjulgada” (TAYLOR, 1994, p. 66) pela dominação branca. O gesto autorreflexivo intencional, muito usual na fotografia contemporânea (FRIED, 2012), busca deslocar a representação para uma tentativa de autoinscrição como forma de afirmação e reconhecimento no campo visual e social. Os retratos escolhidos pela curadoria da exposição *FotoPreta Norte/Nordeste* (2020) reconstroem e reorientam as formas normativas de apreciação destes corpos e de outros modos de vida.

Figura 8: *Corpo Memória*



Fonte: Bruna Dias (@olhosnegros)

Figura 9: *Banzo**



* A máscara utilizada na fotografia foi uma encomenda feita ao artista alagoano Gilbef

Foto: Roger Silva (@rogersilvafotos)

Figura 10: *Poéticas do Jarro*



Foto: Shai Andrade (@sunshaii)

A consolidação, mesmo que ainda muito restrita, da arte afro-brasileira repercute hoje na afirmação e consolidação de artistas visuais que trabalham a fotografia como uma de suas linguagens. Por exemplo, Walter Firmo (1937), Januário Garcia (1943), Eustáquio Neves (1955), Lita Cerqueira (1952), Lázaro Roberto (1958), Rosana Paulino (1967), Aline Motta (1974), Ana Lira (1977), Marcela Bomfim (1983), Gê Viana (1986), Silvana Mendes (1991), entre muitos outros e outras. A participação destes artistas negros no cenário nacional e internacional tem aberto a possibilidade de acesso a jovens fotógrafos e artistas visuais negros nos espaços de legitimação e validação artística, influenciando diretamente na articulação que o coletivo Afrotometria pretende com o adensamento da complexidade visual em torno do racismo contemporâneo. A riqueza de abordagens estéticas propostas tanto pelas exposições como pelas ações educativas realizadas pelos membros do coletivo buscam abordar a negritude não apenas como experiência temática, mas, sobretudo, como propostas que expandem a pluralidade das formas de representação.

Acreditamos que o trabalho de valorização da nossa imagem começa mais dentro da gente do que fora [sic]. Começa com o menino preto se olhando no espelho e se achando lindo. Quando a menina preta se olha no espelho e se acha especial e única. Porque somos todos assim, únicos e especiais, cada um à sua forma, e quando isso estiver na consciência de todas as pessoas pretas aí sim podemos dizer que subvertemos a imaginário racista da sociedade (informação verbal, AFROTOMETRIA, 2021).

A discussão sobre uma fotografia negra é complexa, pois não existe uma fotografia e uma fotografia negra. Não podemos encaixotar e limitar o artista fotógrafo negro a falar apenas de questões raciais pelo simples fato de ser uma pessoa negra. Ainda vamos tematizar se colocarmos essa produção ali, ao lado, limitada a um espaço, uma temática, com visibilidade em apenas um mês. O fotógrafo negro deve ter a liberdade de falar de suas experiências de vida, sem a exigência de seu trabalho ter um enfoque racializado. Essa modelação vem coabitar um lugar de reconhecimento de diversidade de vozes e estabelecer um debate a partir de como cada pessoa olha para si mesma e para o outro em sua subjetividade. Não mais como um objeto ou tema a ser capturado e exposto a partir de uma ideia posta pelo outro.

Utilizando a fotografia como linguagem artística contemporânea, o Afrotmetria promove seu ativismo visual de forma autorevelada, tornando visível uma cartografia de presenças de corpos negros no cenário fotográfico brasileiro, uma vez em que essa presença é negada e esforçadamente não reconhecida, em um grande esforço para fixar os significados visuais estigmatizados (HALL, 1997). O coletivo realiza, desde a sua

fundação, diversas ações que passam pela elaboração e difusão de projetos fotográficos e audiovisuais como agentes protagonistas no mercado da arte (DIAS, 2020), bem como a ocupação e participação em eventos nacionais e internacionais ligados à fotografia e à arte contemporânea. Suas estratégias narrativas visuais passam por apropriar-se da potência estética da imagem fotográfica (POIVERT, 2010) para afetar uma percepção racializada sobre corpo, raça e poder sem que sejam reduzidas apenas a um discurso ou a uma representação mimética estereotipada do real.

O coletivo já esteve presente de forma ativa nas edições de 2018, 2019 e 2020 do Festival de Fotografia de Paranapiacaba, na semana Consciência Afro (2019) do Centro Cultural Matadero, em Madri, na programação do projeto Experiências Negras (2019), no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, e em muitos outros eventos. Tem desenvolvido ao longo do tempo oficinas e ações educativas promovendo debates sobre fotografia negra a partir de referências teóricas e artísticas afrocentradas (BRAZ; RIBEIRO, 2020). O contatos com outros artistas, pesquisadores, produtores culturais e pessoas negras têm estabelecido uma rede de colaboração em que suas ações, cursos, eventos e exposições, ecoam ainda mais na potência de circulação das redes sociais virtuais, fortalecendo a multiterritorialidade e a interconectividade entre os seus colaboradores.

Em agosto de 2020, imersos em todos os desafios que envolviam a ausência de coletivismo proporcionados pela pandemia do covid-19, o Afrotometria realizou ainda o I Encontro de Fotógrafos Negros Afrotometria como troca de vivências, reunindo mais de 30 fotógrafos, produtores culturais e artistas visuais de diferentes territórios do Brasil. Realizaram ainda a curadoria de imagens e relatos visuais que cultivam memórias e fotografias de família negras, vividas e enviadas por mulheres negras em diáspora para o projeto Catação de Imagem - memórias de uma diáspora negra, em parceria com a organização independente de fotojornalismo (Frontfiles), de Portugal, e da Festa Literária das Periferias (FLUP).

As movimentações do coletivo Afrotometria para a fotografia negra contemporânea brasileira não operam simplesmente pela passagem de um momento colonial para um não colonial. Não se configuram como narrativas opostas às colonizadoras de poder, nem a partir delas. São estratégias que nos fazem pensar novos lugares de enunciação a partir do difícil exercício de habitar fronteiras, como sugeriu Mignolo (2015). No campo das artes visuais e da fotografia, essa movimentação estética tem se configurado como uma experiência de aquilombamento (NASCIMENTO, 2006) em que a subjetividade negra diaspórica cria imaginários discursos, formas ideais e visões

de mundo. No contexto racial, construir visualmente o mundo a partir de si por si só é uma prática ancestral de resistência em que “o corpo negro criou condições para estar no mundo como sujeito” (SOUTO, 2020, p. 143). A atuação do Afrotometria passa pelo exercício que Denise Ferreira da Silva (2019) menciona de renunciar à limitadora capacidade de imaginação que se mobiliza na lógica do excesso e da normatização, para a necessária tarefa de agregar como índice outras imagens de mundo e das possibilidades que estas abrigam.

CONCLUSÃO

Luciara Ribeiro (2020) nos questiona sobre a dificuldade de viver em um mundo rodeado de imagens e não se sentir parte delas, recordando que o desejo pela própria imagem faz parte da construção da nossa individualidade e alteridade. Muniz Sodré (2018) acrescenta ao pensamento da pesquisadora e curadora negra a lógica perversa de lugar, quando diz que o racismo brasileiro é configurado a partir do que o autor chama como “saudade”, que olha para o outro como “um objeto em falta utilitária na trama das relações sociais” (2018, p. 15). Isso se inscreve em um subconsciente padrão, sem justificativas racionais ou doutrinárias, mas com o sentimento de que os lugares sociais já seriam socialmente e culturalmente distribuídos. Se não me vejo, não me reconheço, portanto, não pertencço, também nos lembra Ribeiro (2020). Esse desequilíbrio de presenças, nas artes, na mídia, no cinema e na fotografia dá continuidade a estratégias de representação atreladas à construção e difusão de uma estrutura binária de estereotipagem racial que atravessa o cotidiano do corpo negro em um longo período, se cristalizando nos imaginários contemporâneos de significações.

O Afrotometria tem protagonizado tensionamentos coletivos torno de ações insurgentes capazes de ressignificar e reverberar críticas acerca das representações reducionistas em torno da produção e do corpo negro. As estratégias de aquilombamento empreendidas pelo coletivo têm questionado até a necessidade de ocupação dos espaços de legitimação impostos pelo circuito da arte contemporânea, como também refletir uma certa “obrigação” das tensões raciais serem ecoadas a partir da representação direta e positiva (hooks, 2019). Falar a partir do corpo social negro é revelar um campo de posicionalidades diversas ficcionais, futuristas e opositoras. É corpo-quilombo, que rompe as barreiras dos mundo habitáveis e arma contra os arquivos coloniais a partir de repertórios para novos mundos. Esses futuros campos de novas imaginações podem ser

saídas complacentes de acolhimento e presença da diversidade “não mais como objeto a sublimar, mas como projeto a pôr em relação” (GLISSANT, 1981, p. 190).

Suas atuações e propostas vão além dos limites da representação e da discursividade em torno das imagens fotográficas inseridas no campo social. São inquietações provenientes do jogo estabelecido entre a transparência e a opacidade, propostas por Glissant (2008). A escritora e artista visual Jota Mombaça (2020) vai além quando esclarece que “em opacidade, a diferença não pode ser consumida ou extraída, talvez possamos criar uma ficção poética e conceitual em que ‘opaco’ é uma das formas de dizer ‘quilombo’” (MOMBAÇA, 2020). Assim, podemos também entender diversos dilemas e labirintos que envolvem o regime de expropriação artística laboral e de *comodificação* (hooks, 2019) da produção artística negra contemporânea.

Podemos chamar de um movimento estético-político contemporâneo reagente às relações binárias de dissemelhança, poder e de representatividade nas artes visuais brasileiras (CONDURU, 2007). Podem ser ainda compreendidos como agentes de uma renovação estética e discursiva de narrativas negras no campo artístico. As ações do Afrotometria são apenas alguns dos exemplos de coletivos de artistas contemporâneos que viabilizam presenças e uma nova iconografia que pode ocupar de forma legítima e justa o imaginário social brasileiro. Suas contranarrativas visuais podem apresentar soluções referenciais de deslocamentos sensoriais que possibilitem ecoar as tensões raciais presentes no país em uma reivindicação política de representatividade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BATISTA, P. C. O quilombismo em espaços urbanos: 130 após a abolição. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 12, p. 377-396, 2019.

BRAZ, Jordana; RIBEIRO, Luciara. Como e por que a experiência de coletivos de artistas negros e negras projeta novas possibilidades para as artes contemporâneas? *In*: INSTITUTO TOMIE OTAKE. **Experiências negras**: coletivo de artistas negrxs - projeções para as artes contemporâneas. 2. v. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2020. p. 10-13.

BONA, Dénètem Touam. **A arte da fuga**: dos escravos fugitivos as refugiados. [S.l.]: [s.n.], 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York: Routledge, 2002.

CONDURU, Roberto. *Arte afro-brasileira*. São Paulo: C/Arte, 2007.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

DIAS, Ina Henrique. Coletivo e negritude: palavras que se complementam em uma sociedade excludente. *In: INSTITUTO TOMIE OTAKE. Experiências negras: coletivo de artistas negrxs - projeções para as artes contemporâneas*. 2. v. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2020. p. 30-35.

FANON, Frantz. *The wretched of the Earth*. Nova York: Grove Press, 1967.

FRIED, Michael. **Why photography matters as art as never before**. 4. ed. New Haven: Yale University Press, 2012.

GLISSANT, Édouard. O mesmo e o diverso. *In: GLISSANT, Édouard. Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981. p. 190-201.

GLISSANT, Édouard. Pela opacidade. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 1, p. 53-55, 2008.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

HALL, Stuart. The spectacle of the “Other”. *In: HALL, Stuart (ed.). Cultural representations and signifying practices*. London: The Open University, 1997.

hooks, b. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

MBEMBE, Achille. *A crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MEIRINHO, Daniel. Ressignificações contemporâneas dos imaginários racializados nas artes visuais. *Revista Farol*, v. 16, n. 23, p. 55-70, 2020.

MIGNOLO, Walter D. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (Antología, 1999-2004). Barcelona: CIDOB y UACI, 2015.

MOMBAÇA, Jota. *A plantação cognitiva, arte e descolonização*. São Paulo: Masp Afterall, 2020.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. Pretitude e governança. *In: RIBEIRO, Felipe (org.). Atos de fala*. Rio de Janeiro: Telemar, p. 27-33, 2016.

MOURA, C. *História do Negro no Brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MOURA, C. *Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil*. Maceió: EDUFAL, 2001.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

- NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. *In*: RATTI, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006. p. 41-49.
- POIVERT, Michel. **La photographie contemporaine**. Paris: Flammarion, 2010.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos rumos**, Marília, v. 37, n. 17, p. 4-28, 2002.
- RATTI, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- RIBEIRO, Luciara. A narcísica história da fotografia e possibilidades de saída de uma história única. **SP-ARTE 360**, São Paulo, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3lWoYKY>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos, modos e significações**. Brasília, DF: INCTI/UnB, 2015.
- SEALY, Mark. **Decolonizing the camera: photography in racial time**. Londres: Lawrence; Wishart, 2019.
- SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: [s.n.], 2019.
- SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. **Revista ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 9-16, 2018.
- SOUTO, Stéfane Silva de Souza. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorphose**, Salvador, v. 4, n. 4, p. 133-144, 2020.
- SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- TAYLOR, Charles. The politics of recognition. *In*: TAYLOR, C.; GUTMANN, A. (ed.)., **Multiculturalism: Examining the Politics of Recognition**, Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994. p. 25-74.
- TLOSTANOVA, Madina Vladimirovna. La aesthesis trans-moderna en la zona fronteriza eurasiática y el anti-sublime decolonial. **Calle14: Revista de Investigación en el Campo del Arte**, Bogotá, v. 5, n. 6, p. 10-31, 2011.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pluralismo jurídico. *In*: SEMINÁRIO PLURALISMO JURÍDICO E MULTICULTURALISMO, 2010, Brasília, DF. **Anais [...]**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.

NOTAS

- 1 A preferência do termo *pretitude* em vez de *negritude* ou *blackness* como Moten e Harney (2013) é por considerar mais representativo, desvinculando-o de um imaginário racializado criador da imagem carregada de estereótipos do sujeito negro.
- 2 Adensam esta lista o Coletivo Pretas InCorporações (Campinas, 2017); Coletivo Trovoa (Rio de Janeiro, 2017); Negras[fotos]grafia (Rio de Janeiro, 2016); Coletivo Carne (Pernambuco, 2016); Itan Coletiva (São Paulo, 2019); Coletivo Movimento Observador Criativo - Mooc (São Paulo, 2017); Ero Ere (Curitiba, 2018); Combate Coletivo de Artes Pretas (São Paulo, 2018); Mulheres negras nas artes coletividade (São Paulo, 2016); Ambiente de

Empretecimento da Arte Nacional a Favor da Descolonização Cultural - AEANFDC - (São Paulo, 2018); Descolônia (Minas Gerais, 2016); DiCampana Foto Coletivo (2016); Afrotometria (São Paulo, 2018); entre muitos outros.

- 3 Ver em: <https://www.afrotometria.com.br>.
- 4 O Afrotometria se afirma como um coletivo com base na integração de estruturas comuns. O grupo não possui imagens autorais assinadas coletivamente, se denominando um espaço coletivo simbólico que congrega pessoas, ideias e projetos, mantendo suas individualidades e subjetividades.
- 5 Ações coletivas artísticas de ocupação urbana têm sido realizadas pelos coletivos de artistas negros Sistema Negro (2013), Coletivo Descolônia (2016), Frente 3 de Fevereiro (2004) e pelo Projeto Afro (2020).

Artigo recebido em: 23 de agosto de 2021.

Artigo aceito em: 25 de novembro de 2021.